



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, domingo, 24 de junho de 2012

JORNAL DO COMMERCIO Suframa na Rio+20 OPINIÃO	1
JORNAL DO COMMERCIO São Caetano ECONOMIA	2
JORNAL DO COMMERCIO Produção cresce em maio ECONOMIA	3
A CRITICA Do planalto à planície ECONOMIA	4
A CRITICA Suframa na Rio+20 ECONOMIA	5
A CRITICA Presença oriental ECONOMIA	6
A CRITICA Domínio no mercado de condicionadores ECONOMIA	7
AMAZONAS EM TEMPO Manaus está ENTREGUE À própria sorte' POLITICA	8
AMAZONAS EM TEMPO Alfredo MR Lopes ECONOMIA	9
AMAZONAS EM TEMPO Mãos que colhem frutos ECONOMIA	10
AMAZONAS EM TEMPO Mãos que colhem frutos (continuação) ECONOMIA	11
AMAZONAS EM TEMPO Mãos que colhem frutos (continuação) ECONOMIA	12
AMAZONAS EM TEMPO Mãos que colhem frutos (continuação) ECONOMIA	13
DIÁRIO DO AMAZONAS Transporte de cargas rodofluvial deve crescer 6% este ano ECONOMIA	14
DIÁRIO DO AMAZONAS RÁPIDAS ECONOMIA	15
DIÁRIO DO AMAZONAS Queda nas vendas de motos pode provocar demissões no setor, alerta entidade ECONOMIA	16

Suframa na Rio+20

O superintendente da Suframa, Thomaz Nogueira, reservou a última semana da Conferência da ONU Rio+20 para conhecer os pavilhões instalados no Parque dos Atletas, local onde estão sendo realizados eventos e exposições de diversos países. Atendendo a convite feito pela Panasonic, a cômputiva da Suframa visitou o espaço da empresa no Pavilhão do Japão.

São Caetano

GM abre 2º programa de demissão voluntária em menos de um mês



Foto: Divulgação

Empresa declarou que decisão do PDV atende solicitação dos empregados

A General Motors (GM) informou que abriu um programa de demissão voluntária para funcionários da unidade de São Caetano, o segundo em menos de um mês.

De acordo com o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e região, o PDV foi aberto na sexta-feira (22) e vai até dia 2 de julho, para todos os trabalhadores do setor de produção, e abrange também a unidade de São José dos Campos.

Ainda de acordo com o sindicato, o programa anterior, encerrado dia 15 de junho, teve 186 adesões, sendo que a GM já teria fechado cerca de 2 mil postos de trabalho nas fábricas de São José e São Caetano.

A entidade disse, em nota, que considera o PDV desnecessário. "Não existe mão de obra excedente na fábrica e as vendas do setor automotivo tiveram um significativo crescimento após a redução do IPI concedido pelo governo federal. Somente na primeira quinzena de junho houve um crescimento de 18,54%".

O presidente do sindicato, Antonio Ferreira de Barros, disse que a prefeitura deveria cobrar da empresa a manutenção de postos de trabalhos, já que a GM recebe incentivos.

De acordo com ele, foi realizada uma reunião com o secretário de Relações do Trabalho de São José dos Campos, Ricardo Dinelli, e com o secretário de Desenvolvimento Econômico, José de Mello Corrêa, na qual Dinelli teria afirmado que não vai se manifestar sobre as demissões.

O presidente do sindicato também apresentou aos secretários propostas que foram encaminhadas à GM como forma de garantir a manutenção e ampliação dos postos de trabalho na fábrica, que incluem a manutenção dos postos de trabalho e reintegração de funcionários demitidos.

A GM declarou que a decisão de realizar um PDV atende a "uma solicitação dos empregados representados pelo Sindicato dos Metalúrgicos" da unidade de São Caetano.

Produção cresce em maio

Apesar da alta, cenário econômico na indústria nacional “continua ruim e com tendência de queda”

A produção industrial brasileira voltou a registrar crescimento, em maio, ao atingir 51,6 pontos ante os 45,3 pontos registrados em abril, informou na sexta-feira (22) a CNI (Confederação Nacional da Indústria). Em nota, a entidade avalia que, mesmo com o resultado, o cenário econômico na indústria nacional “continua ruim e com tendência de queda”.

Segundo a Sondagem Industrial, o nível de UCI (utilização da capacidade instalada) ficou em 73%, índice considerado abaixo do usual para os meses de maio. Em abril, o UCI chegou a 71% e em maio do ano passado, a 74%.

A CNI utiliza um escala de 0 a 100 e valores acima de 50 pontos indicam aumento da atividade, do emprego, acúmulo de estoques indesejados e utilização da capacidade instalada acima do usual.

O indicador que mede o estoque efetivo/planejado ficou em 53,1 pontos. Na avaliação da CNI, isso mostra que há mais produtos estocados nas fábricas do que gostariam os empresários. Em abril, o indicador estava em 53 pontos e em maio de 2011, em 50,9 pontos.

Na nota, o gerente executivo da Unidade de Pesquisa e Competitividade da CNI, Renato da Fonseca, informou que mesmo com um pequeno



Foto: Walter Mendes

Nível de UCI (utilização da capacidade instalada) ficou em 73%, índice considerado abaixo do usual para os meses de maio

crescimento na atividade, concentrado na indústria extrativa e nas grandes empresas, a utilização da capacidade instalada está baixa e os estoques estão aumentando. A nota também informa que os ajustes das empresas vão continuar nos

próximos meses e destaca que a redução do ritmo de produção não está sendo suficiente para compensar a queda no ritmo de vendas.

O setor extrativo registrou 54,4 pontos e compensou o resultado da indústria de trans-

formação, que ficou em 50,4 pontos. Pelos números apurados pela CNI, dos 28 setores da indústria de transformação, 15 registraram queda na produção de abril para maio. O indicador referente ao número de empregados na indústria caiu

pelo segundo mês consecutivo, e ficou em 48,7 pontos em maio ante 48,9 pontos em abril.

A expectativa para os próximos seis meses, porém, continua elevada entre os empresários industriais, que esperam um aumento da demanda por

produtos industrializados, com o indicador em 59,1 pontos. O setor também mostrou otimismo com as exportações, com 55,3 pontos, devido à desvalorização do real, segundo a CNI. Por outro lado, os técnicos da entidade lembram que os principais mercados compradores de produtos brasileiros passam por dificuldades, como a União Europeia, os Estados Unidos e a Argentina.

As expectativas para os próximos seis meses sobre compras de matérias-primas também ficou em alta, com 55,9 pontos, assim como o número de empregados (52,1 pontos).

A pesquisa foi realizada com 2.010 empresas entre os dias 1º e 18 deste mês, das quais 699 são pequenas, 790 médias e 521 grandes.

Utilização da capacidade instalada é baixa e os estoques altos, pois a melhoria afeta apenas grandes empresas

Renato da Fonseca,
gerente da CNI

Do planalto à planície



O Amazonas, no Senado Federal, já foi muito bem representado. Só para lembrar, de modo mais recente, posso citar: Bernardo Cabral, Artur Neto e Jefferson Péres. Há outros, evidentemente, de igual dimensão. Fábio Lucena, por exemplo. Eunice Michilles, a primeira mulher a ocupar uma cadeira no Senado. Todos eles saíram da planície amazônica para brilhar no planalto central. Viraram nomes nacionais.

É por isto que, embora respeite, tenho dificuldades para entender a cogitação do senador Eduardo Braga, que se elegeu com uma votação consagradora, que está no início de um mandato e que hoje é o líder da presidenta Dilma, no desempenho, portanto, de função de alta relevância para a Nação e na condição privilegiada de poder contribuir, e muito, junto ao núcleo do governo, para a melhoria das condições de vida

de seu povo, querer fazer o caminho inverso, de volta, qual seja, do planalto à planície, saindo do Senado para a prefeitura de Manaus, cargo, inclusive, que já ocupou. Braga é um camarada preparado, de bom discurso e articulado. Se deixar uma posição estratégica no governo Dilma, ele certamente desfalcará o grupo de defensores do Estado e da Zona Franca de Manaus, expondo-a aos humores e às estratégias das bancadas e dos grupos de pressão do restante do País. É claro que a disputa pela prefeitura fica mais emocionante e a cidade ganha com a disposição de seus melhores quadros. Mas acho que, no resumo da ópera, o Estado tem mais a perder e Braga, que já trilhou um caminho ascendente, dá um passo atrás, abdicando de ser uma figura de proa no cenário nacional para restringir-se à província. É uma boa idéia?

Suframa na Rio+20

Durante participação na Rio+20, o superintendente da Suframa, Thomaz Nogueira, afirmou que “é preciso que a autarquia esteja na vanguarda das discussões sobre o desenvolvimento sustentável e, no seu papel de agência de desenvolvimento regional, precisa estar inserida nesse contexto”.

Para Nogueira, a Rio+20 propicia a identificação de inovações tecnológicas que servem de referência para a prospecção de novos negócios e serviços com soluções sustentáveis.



Presença oriental

Negócios da China

Investimentos de origem chinesa se intensificam no Brasil, em especial no Amazonas, mas o país asiático ainda não figura entre os grandes "clientes" do PIM.

A China é, de longe, o maior parceiro comercial do Amazonas, sendo a origem de 35% de todas as importações anuais do Estado. Anos atrás, as exportações para o país asiático eram praticamente nulas. Hoje, as vendas ao mercado chinês já superam 1%, alavancadas, principalmente, pela exportação de minério - sobretudo nióbio -, madeiras serradas como maçaranduba e ipê, e produtos naturais como pousas de açaí e de cupuaçu.

Apesar do avanço nas exportações, isso ainda é pouco diante do potencial gigantesco da China e das demonstrações de interesse já manifestadas por investidores asiáticos. Para melhorar essa relação comercial, um dos melhores caminhos é participar da Canton Fair, feira de negócios que acontece há mais de um século, em Guangzhou (Cantão), na China.

O gerente executivo do Centro Internacional de Negócios (CIN), da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam), José Marcelo Lima, explica que a próxima edição da feira ocorrerá de 15 de outubro a quatro de novembro. Há seis anos o CIN facilita a participação de empresas amazonenses no evento. Informações podem ser obtidas em www.fieam.org.br/cin.

INDÚSTRIA

Na Zona Franca de Manaus, a presença chinesa já é marcante no setor eletrônico, com fábricas como H-Buster, fabri-

SAIBA +

Canton Fair

A Canton Fair é uma feira realizada a cada ano desde 1957 em Cantão (Guangzhou), na China. O evento é co-organizado pelo Ministério do Comércio da China e do Governo Popular da Província de Guangdong.

A maior
Trata-se da maior feira de comércio na China. Tem a maior

variedade de produtos, o maior número de visitantes, e o maior volume de negócios fechados. Relevância indiscutível nos negócios.



Importações **Peso da China** **Exportações** **Participação**
1,8 bi **35,7%** **10 mi** **1,02%**

RELAÇÃO DESIGUAL
China fornece mais de 1/3 do que o Amazonas importa, mas tem só 1,02% das exportações.

cante de autorrádios; no setor termoplástico, com Tainan Indústria e Comércio Ltda; condicionadores de ar, com a Gree Norte S.A e Midea (leia mais abaixo) e, principalmente, duas rodas, com empresas como CR Zongshen Fabricadora de Veículos Ltda. (Kasinski), Haobao Motor do Brasil e Moto Traxx.

A onda de investimentos chineses na Zona Franca começou em 2006, com o aumento da importação de componentes oriundos daquele país. Segundo José Marcelo Lima, as medidas tomadas pelo Governo brasileiro visando a proteção da indústria nacional contra importados têm

pesado na decisão de empresas chinesas em investir na produção em solo brasileiro, inclusive na Zona Franca de Manaus. Mudanças na estrutura sócio-educacional da China tem encarecido o custo da mão de obra, fazendo muitas empresas partirem em busca de condições mais favoráveis para produzir. É aí que se enquadra a Zona Franca.

Só no segundo semestre do ano passado, o Amazonas foi considerado por empresas chinesas para receber investimentos de até US\$ 240 milhões. Segundo a Rede Nacional de Informações de Investimento (Renai) do Ministério do Desenvolvi-

mento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), as fabricantes de veículos Haifei e Jinbei já encontraram um parceiro para fabricar no Brasil veículos das marcas Towner e Topic.

Por oferecer incentivos fiscais específicos para esse tipo de veículos, fontes do setor garantem que Manaus receberá um investimento de US\$ 140 milhões. A cidade também vai ganhar uma unidade de serviços e reposição de peças para sondas de perfuração em terra. O aporte de US\$ 25 milhões da Boncobras/Asperbras será dividido entre Manaus, Santos (SP), Macaé e Rio de Janeiro (RJ).

FRASE

É necessário progresso para atingirmos o desenvolvimento planejado. E o processo não é equilibrado. A brecha entre norte e sul cresce com a crise aguda"

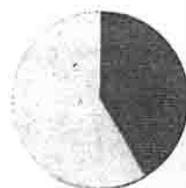
WEN JIABAO
Primeiro ministro da China durante a Rio +20

"Já temos uma pequena exportação, mas uma infinidade de produtos regionais como açaí, acerola e pescado podem ter grande mercado na China"

JOSÉ MARCELO LIMA
Gerente executivo do CIN/Fieam

GRÁFICO

Importações - ZFM



■ China ■ Outros

Exportações

17^a Posição que a China ocupa entre os países de destino das vendas.

8 Número de empresas de origem chinesa instaladas no PIM.

Fonte: Mdic

BLOG

Charles Tang
PRESIDENTE DA CCIBC

"O principal fator de riqueza do crescimento chinês foi sua incessante busca por investimentos estrangeiros, que chegou a discriminar a empresa chinesa a favor da estrangeira. Até 2008, a empresa de fora pagava 25% de imposto de renda, enquanto a empresa nacional era onerada em 33%. Durante as três décadas em que vigorou esse tratamento desigual, toda empresa chinesa queria ter um sócio estrangeiro. Como nos falta poupança interna, somente poderemos erradicar nossa pobreza, como quer a presidente Dilma, com a contribuição de capitais estrangeiros.

Domínio no mercado de condicionadores

Chinesa Midea, que lidera a produção mundial de aparelhos residenciais, abre em setembro uma nova fábrica em Manaus.

O "calibre" dos investimentos chineses também aparece no setor de ar-condicionados do PIM. Prova disso foram os recursos gastos pela Midea no ano passado para adquirir 18% da brasileira Springer SA e 51% da americana Carrier nas operações da América Latina. Antes, as duas empresas formavam uma sociedade que já liderava o mercado nacional, chamada "Springer Carrier", e tinham fábricas em Manaus, denominada Climazon, e em Canoas (RS).

A aquisição dos 18% da Springer SA custou à Midea R\$ 118,9 milhões, segundo in-

formou a Springer, em fato relevante publicado no site da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Já a compra dos 51% da Carrier foi estimada em US\$ 220 milhões de dólares.

Em novembro de 2011, os investimentos renderam à Midea a participação majoritária na *joint-venture* Midea Carrier, líder brasileira no segmento de aparelhos residenciais, com as marcas Midea, Carrier e Springer.

De acordo com o diretor de operações da empresa no Brasil, Chile e Argentina,

2012 é um ano de expansão para a Midea em Manaus. Em setembro deste ano, os chineses

BUSCA

Até o mês de março

A fábrica que funciona hoje no bairro Coroado 3 ficará em operação até março de 2013. A partir de abril, a unidade da Midea Carrier em Manaus estará localizada na av. Torquato Tapajós, próxima ao centro de distribuição da Bemol.



Empresa afirma que produção no PIM tem um índice de nacionalização superior a 70%

inauguram uma nova fábrica na avenida Torquato Tapajós, com 19 mil metros quadrados de área construída e uma capacidade de produção 30% maior que a planta atual (instalada no bairro Coroado 3).

A estrutura existente hoje já permite uma produção anual superior a um milhão de aparelhos, somando o volume dos splits (representam 70% da produção) com os produtos de janela. "Temos um quadro de 540 funcionários, mas temos que ampliar esse número de julho a outubro deste ano, por causa da nova fábrica e da preparação para o período de verão no eixo Sul-Sudeste. Só em julho serão contratados, aproximadamente, 200 temporários", adianta Evandro Burgel, diretor industrial da Midea Carrier em Manaus.

Manaus está ENTREGUE À própria sorte'



ISABELLA SIQUEIRA
Equipe EM TEMPO

Primeira vez na disputa ao cargo de prefeito de Manaus, o deputado federal Pauderney Tomaz Avelino, 57, diz que colocou seu nome à disposição porque a cidade precisa de uma renovação administrativa. Com mais de duas décadas no cenário político do Estado, o parlamentar tem sua atuação focada na defesa dos direitos da população e da economia amazonense na Câmara dos Deputados, sendo por quatro vezes consecutivos incluído pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), entre os parlamentares mais influentes do Congresso Nacional.

Visionário, revela que caso seja o escolhido do povo nas urnas irá se debruçar na questão de estruturar a mobilidade urbana da cidade e promete resolver definitivamente a situação do transporte público da cidade.

Em uma conversa com a equipe do EM TEMPO, o candidato fala sobre seus possíveis adversários, projetos para a cidade, a defesa da Zona Franca de Manaus (ZFM) na Câmara dos Deputados e a escolha do nome do seu candidato a vice-prefeito na chapa. "Manaus está entregue à própria sorte e a população não aguenta mais ser enganada", dispara.

EM TEMPO - Por que o senhor decidiu entrar na disputa eleitoral em Manaus? Quais suas as expectativas para esta eleição?

Pauderney Avelino - Minha candidatura nasce da necessidade que percebemos nos desafios que Manaus precisa enfrentar. Sem querer desmerecer ninguém, pois todos podem colocar seus nomes à disposição, mas o

povo está de "saco cheio" da omissão pública, de votar em políticos e não ver as metas serem cumpridas. A cidade está entregue à própria sorte, não há solução para os problemas básicos. Estou colocando minha história, minha experiência e força de vontade a favor da população. Tenho conhecimento de administração pública de outras cidades e pretendo trazer esse aprendizado para a capital. Manaus merece uma sorte maior do que essa que está tendo.

EM TEMPO - Quais são suas plataformas de melhoria para a cidade?

PA - Estou montando um grupo de urbanistas, arquitetos e engenheiros daqui de Manaus e de outras cidades do Brasil para nos ajudar a resolver os problemas de mobilidade urbana, que incluiu desde os problemas de acesso a pedestres, cadeirantes, veículos e motocicletas, e também o transporte público. Nós vamos resolver o problema do transporte público em Manaus. A cidade tem alguns gargalos, e isso não se resolve com soluções mágicas, temos que resolver com soluções que passam desde a questão financeira até a técnica.

EM TEMPO - O candidato que ganhar a eleição deste ano será o prefeito da Copa. Se o senhor for o eleito, quais são os projetos para esse evento?

PA - Não tenho dúvida que será um projeto caro para termos aqui na cidade apenas quatro jogos. A Arena da Amazônia vai custar R\$ 500 milhões. Agora, esse evento será muito importante para todos nós, porque irá apresentar uma formação de turismo receptivo, além de garantir a reformulação do centro histórico da cidade possibilitando que Manaus possa mostrar a

sua arquitetura portuguesa e inglesa que ficou dos tempos áureos. E também a questão da mobilidade urbana, que é um problema grave.

EM TEMPO - Uma pesquisa recente da revista "Veja" apontou seu nome como o 11º político mais ativo em favor de um Brasil melhor. A que o senhor atribui isso?

PA - Não sei quais os critérios que eles usam como medida, mas acredito que tenha sido em relação ao meu posicionamento como parlamentar na Câmara dos Deputados, seja pela via na tomada de posição em votações de projetos importantes ou em discursos na casa parlamentar.

EM TEMPO - Como o senhor irá proceder na captação de recursos financeiros para a sua campanha política?

PA - Ainda não comecei devido a questões de datas, mas estamos iniciando as conversas para quando estivermos aptos, com o comitê financeiro constituído. Até o dia 5 de julho será o prazo dado para as impugnações das candidaturas. Então, após essa data fazemos a inscrição na Receita Federal para solicitar o CNPJ da campanha, e só após esse processo poderemos receber os recursos de campanha.

EM TEMPO - A grande expectativa agora está em relação ao nome do seu candidato a vice. Como vai ser essa escolha?

PA - Estamos conversando com três partidos que não posso revelar ainda. O prazo final é até o dia 30 e até lá vamos buscar o nome. Se por acaso não conseguirmos fechar acordo na coligação vamos de chapa "puro-sangue", porque

temos nomes dentro do partido que podem compor essa candidatura muito bem.

EM TEMPO - O senhor sempre atuou na defesa da Zona Franca de Manaus. Como avalia as recentes decisões federais envolvendo esse modelo econômico?

PA - Nós estamos fazendo um trabalho importante na Câmara dos Deputados. Os senadores estão fazendo a sua parte, mas claro estamos tendo algum reverso. Porém, no somatório geral, o governo cria dificuldades e temos que correr atrás para solucioná-las. Difícilmente, conseguimos com uma proposta nossa que venha melhorar as condições da Zona Franca de Manaus. Eu aproveio polo de triciclos e quadriciclos preservando várias empresas. Estive com o secretário executivo do Ministério da Fazenda onde pedi mais R\$ 3 milhões para a população usar como financiamento para a compra de motocicletas. Estamos trabalhando também sem perder de vista outras questões maiores, vivemos do Polo Industrial de Manaus e temos que cuidar dele com muito cuidado. Estou apresentando também um projeto para reativar o comércio de importados em Manaus e isso daria uma sobrevida como atrativo ao turismo do Estado.

EM TEMPO - Como o senhor avalia essa especulação em torno de uma candidatura do senador Eduardo Braga ao cargo de prefeito?

PA - Vejo com naturalidade, apesar das pesquisas apontarem certo favoritismo a ele (Eduardo Braga). O Braga tem certa experiência. Já foi governador e prefeito. Mas acredito que a população precisa ter novos paradigmas, por isso mais uma vez coloco meu nome na disputa.

“

Estou montando um grupo de urbanistas, arquitetos e engenheiros daqui de Manaus e de outras cidades do Brasil para nos ajudar a resolver os problemas de mobilidade urbana”

“

Minha candidatura nasce da necessidade que percebemos nos desafios que Manaus precisa enfrentar. Sem querer desmerecer ninguém, pois todos podem colocar seus nomes à disposição”



“

Estamos conversando com três partidos que não posso revelar ainda. O prazo final é até dia 30 e até lá vamos buscar o nome. Se não conseguirmos, vamos de chapa puro-sangue”

Alfredo MR Lopes

ZFM – os indicadores da desindustrialização - Parte 3

São inquietantes, crescentes e desafiadores os sinais da desconstrução da economia baseada no modelo industrial da Zona Franca de Manaus, no contexto da crise que se alastra pelo planeta e do recolhimento dos negócios anotado por aqui. Por isso, peço licença para continuar com este tema. É que o momento impõe prontidão. Assim como fomos incapazes de investir na racionalização da produção do látex e seu beneficiamento local para perenizar a economia da borracha, das fibras vegetais, resinas... razão da quebraideira econômica há cem anos, estamos perdendo o bonde da história, mais uma vez, por incompetência em promover a mudança no modelo de produção atual na direção da economia baseada na inovação, na partilha e otimização do conhecimento. Um caminho que fica mais tortuoso com medidas incoerentes do governo, cujo discurso

defende o papel da inovação, mas na prática penaliza quem investe na qualificação de pessoal. Pela lei nº 12.513, já em vigor, patrões e empregados têm agora de recolher contribuição à Previdência se o valor mensal da bolsa de estudo for superior a R\$ 933. Compulsão fiscal tem que ter um limite.

Que país é esse que incentiva indústria automobilística com as vias de tráfego já tão entupidas e açoita com mais tributos a educação? O setor farmacêutico é o que mais foi castigado com mais essa cangalha fiscal, pois tem demandas vitais de qualificação, treinamento e reciclagem por sua cadeia produtiva fundada na tecnologia e inovação permanente. Como trazer para o presente a utopia da bioindústria numa gestão que trata de modo vesgo as oportunidades de negócios coerentes com a vocação do banco genético amazônico? Fica complicado dar um passo firme e

adiante da indústria da montagem que despenca a cada dia e consolidar a racionalidade da produção da base tecnológica, num cluster adequado de bioinformática e bio-negócios na floresta...

Na contramão dessas incoerências, emerge em alguns setores da gestão pública, agências de fomento, entidades de classe, e/ou pesquisa, incluindo a academia focada no cotidiano, a consciência da gravidade crucial do momento. Um desassossego que favorece apostar na transformação de tantos ovos de propostas num omelete da reinvenção do saber e fazer florestal. O Vale da Bioengenharia e da Nanotecnologia, de que fala Rodemarck Castelo Branco, o velho e atualizado sonho de Estevão Monteiro de Paula do Parque Tecnológico de Produtos Sustentáveis, e o da Bioindústria do Peixe, do visionário Deusamir Pereira, ganham força e emergência, na discussão dos rumos

a tomar. São propostas e roteiros que demandam acurada leitura e interpretação dos pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças, para fazer emergir uma nova política de ciência e tecnológica regional e sustentável capaz de absorver o capital intelectual na base de novas cadeias produtivas, novos produtos e processos.

Suframa e Inpa, referências federais de fomento e pesquisa científica da Amazônia, confirmaram no âmbito da Conferência do Rio+20 as avissareiras promessas de sua cumplicidade institucional que resultarão da mistura de suas respectivas farinhas – leia-se a junção estratégica das metas de seus respectivos ministérios para otimizar condutas, programas e recursos – a levar a produção científica ao chão de fábrica, proporcionar oportunidades com o saber consolidado. O novo paradigma de Desenvolvimento, envolvendo par-

ceiros da indústria, Fieam, CNI e Senai, pretende atuar, então, intimamente atrelado à Ciência, Tecnologia e Inovação, a partir de indicadores de sustentabilidade, capazes de precificar e balizar no mercado o diferencial de valor das cadeias produtivas da floresta. Enfim, as agências federais compartilham talentos e esforços em favor do tecido social e da prosperidade geral. Organizada e cúmplice, em lugar de chorar o leite derramado, a sociedade terá razões e mecanismos para impedir investimentos nebulosos e perdulários em obras onerosas, e desvinculadas de compromisso e planejamento estratégico do interesse geral. Só assim, a travessia urbana e o jogo do lazer se darão em outro patamar, juntando margens e desejos de uma nova partida, onde a bola é passada e repartida na perspectiva de um placar justo, mais equânime e mais fraterno.



Alfredo MR Lopes
Filósofo e consultor ambiental

“
Há cem anos, estamos perdendo o bonde da história por incompetência”

Mãos que colhem frutos

A agricultura amazonense entra em uma nova era no campo da citricultura. Por meio do sistema de Produção Integrada (PI), produtores inseridos no projeto colhem sonhos e fatura de seus pomares

NÁFERSON CRUZ
Equipe EM TEMPO

Parte dos produtores rurais amazonenses desconhece o quanto podem perder em suas lavouras, em função de diversos problemas que influenciam diretamente a ineficiência na aplicação de técnicas na produção e cultivo. Para evitar custos maiores, perdas de produtividade e do lucro, um novo sistema, baseado nas boas práticas agropecuárias, orientado por normas técnicas, chamado de Produção Integrada (PI), praticado há dois anos no Estado, tem evoluído gradativamente com bons resultados ao homem do campo.

Segundo especialistas e produtores rurais, a PI, além de garantir qualidade na safra e reduzir despesas em até 20%, em relação ao sistema convencional, possibilita me-

lhor controle da propriedade e aperfeiçoa o processo produtivo dos citros (laranja, limão e tangerina).

O pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), da Amazônia Ocidental, Marcos Garcia, especialista em controle de pragas e doenças agrícolas, explica que o projeto contempla a produção agrícola com o uso apropriado e eficiente dos recursos naturais, a garantia de alimentos sem riscos à saúde e de boa qualidade nutricional, além de conservar o meio ambiente.

Garcia lembra que a PI nasceu há dez anos com as culturas da Região Sul do país, em decorrência da redução no mercado dos produtos que estavam contaminados por doenças e do uso indevido e inadequado de agrotóxicos, responsáveis pelos altos índices de intoxicação verificados entre os produtores e traba-

lhadores rurais. "A iniciativa resultou na produção da fruta sem as contaminações", conta o pesquisador.

Criação do sistema

O sistema passou a ser difundido em 2004, por meio

CULTIVO

O Brasil é o maior produtor mundial de citros com uma área plantada de 780 mil hectares e uma produção de 17 milhões de toneladas, movimentando R\$ 3,5 bilhões, e com 1 milhão de empregos diretos e indiretos

das diretrizes da Embrapa Mandioca e Fruticultura (Cruz das Almas, na Bahia), vinculado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). No

Amazonas o PI teve início em 2008, mas somente foi colocado em prática há dois anos, por meio da demanda de produtores da cultura de citros em busca de boas práticas de produção e com o apoio da Embrapa Amazônia Ocidental e o financiamento de R\$ 600 mil, disponibilizados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), e a contrapartida de R\$ 200 mil da Secretaria de Estado de Produção Rural (Sepror).

A maioria dos produtores de citros está concentrada nos municípios de Rio Preto da Eva (que detém a maior área plantada do Estado), Iranduba, Itacoatiara, Manacapuru, Careiro e Presidente Figueiredo.

O presidente da Associação dos Citricultores do Amazonas (Amazoncitrus), Ozires Silva, destaca que até o momento, apenas 15 produtores

aderiram ao projeto, e desses, 90% são considerados de médio e pequeno porte. Apesar do baixo número de adesão, Ozires diz que a medida está aberta aos interessados.

O dirigente da Amazoncitrus adianta que também há disponível novas iniciativas, como o projeto de Gestão Orientada para Resultados (Geor-Citricultura), por meio do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-AM), com apoio do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam) e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar).

Ozires explica que o Geor atua na aplicação dos recursos orçamentários, produzindo indicadores sobre o andamento dos projetos e impactos que produzem nas comunidades e o diagnóstico agrônomo da cadeia produtiva de citros e de mercado.

Mãos que colhem frutos (continuação)

Produção anual chega a 300 milhões de frutos

Com a produção anual de, aproximadamente, 300 milhões de frutos, o Amazonas é o Estado que mais avança na citricultura em toda a Região Norte.

A fazenda "Panorama", situada no Distrito Agropecuário da Zona Franca de Manaus (ZFM), no quilômetro 85 da AM-010, está no rol das propriedades que mais produzem citros na região. A estimativa é de que a propriedade consiga colher, até o final deste ano, 8 milhões de frutos. Dessa quan-

tidade, 70% atende o mercado de Manaus e o restante de Boa Vista (RR).

Para obter alta margem na produção, Sebastião Siqueira de Souza, 47, proprietário da fazenda "Panorama", e de outras duas áreas, investiu em torno de R\$ 10 milhões, entre propriedades, maquinários e mão de obra. Ele destaca que os resultados já eram satisfatórios e com a introdução do sistema de Produção Integrada de citros, a qualidade do produto ficou bem melhor.

"Apesar do PI ser um programa recente, tem o papel fundamental na implementação de tecnologia, capacitação e informação. O projeto nos deu maior controle sobre a propriedade, como o preparo do solo, manejo pós-colheita, medidas fitossanitárias, embalagem, beneficiamento do fruto, até a sua distribuição no mercado", pontua.

Sebastião Souza mantém 110 hectares com 94 mil pés de laranja, o que rende em média 6 toneladas do fruto,

por dia. O citricultor ressalta que, para obter rentabilidade no negócio, a tecnologia somada a técnica e dedicação são indispensáveis. Em sua fazenda, uma máquina ajuda no processo de seleção da laranja. Mas é na colheita a exigência da maior sensibilidade do cooperado. Em seguida é feita a lavagem, depois o polimento e posteriormente, a própria máquina faz a classificação dos frutos. Dando continuidade ao processo, o produto é embalado e segue para o mercado, cujo

o preço médio pode chegar a R\$ 15, o cento.

Além do cultivo da laranja, a fazenda "Panorama" atua com a produção de tangerina e limão. "A laranja tem mercado garantido e o suco dela não precisa de açúcar e nem de gelo", garante Sebastião, experiente no ramo. "A citricultura é uma atividade viável à agricultura no Amazonas pela compensação dos preços dos frutos e pelas condições de clima adequadas para a produção ao longo do ano", completa.

Mãos que colhem frutos (continuação)

Avanço com uso de técnicas

A diversidade entre o sistema comum para a técnica de Produção Integrada de citros, consiste no uso de métodos para evitar o excesso de resíduos de agrotóxicos na fruta e na tecnologia de rastreabilidade, o que permite que a procedência do produto seja identificada em qualquer mercado comprador.

“Além dos investimentos nos pomares que são devidamente monitorados, o sistema permite combater as pragas agrícolas, com a racionalização do processo, ou seja, temos como saber o nível da infecção na planta cultivada e de que forma

vamos tratar”, diz Ozires Silva, que também é produtor rural.

O dirigente da Amazoncitrus ressalta que a aplicação do método é recente, mas os resultados precisos serão obtidos daqui a três anos. “O projeto está apenas no começo com 15 projetos experimentais que se transformarão em um modelo que poderá ser transferido para outras cadeias produtoras, e partir daí, o Amazonas dará um grande salto de produção agrícola, reduzindo a pressão demográfica e gerando emprego e renda no interior”, completou.

Mãos que colhem frutos (continuação)

Sistema previne doenças

O pesquisador da Embrapa Amazônia Ocidental, Marcos Garcia, explica que a proposta do PI é conscientizar o produtor, por meio de cursos, para que passe a adotar na sua produção boas práticas. Ele explica que as técnicas empregadas na PI tornam mais eficientes a produção e evitam a contaminação dos alimentos, com a redução do uso de insumos contaminantes — o que leva à produção de frutos de melhor qualidade, sem riscos à saúde do consumidor. “No cultivo normal usa-se um calendário, já no sistema de PI, o instrumento é necessário somente se for para avaliar uma doença ou praga, a fim de sabermos em que nível está para decidirmos se usamos ou não agrotóxicos para combater, o que gera menos custos ao citricultor”.

Parte dos produtores amazonenses já atua com as laranjeiras geneticamente modificadas (GM), que oferecem resistência à doença

bacteriana causada pelo inseto vetor do greening “*Diaphorina citri*”, que ameaça a produção de cítricos, fazendo com que os frutos fiquem permanentemente verdes, amargos, medicinal e azedo. O atual combate ao vetor de greening é feito pelo uso de inseticidas e do corte de árvores contaminadas.

O pesquisador destaca que ainda não há registro de vetores nocivos às lavouras no Amazonas, diferente das regiões Sul e Sudeste do país, onde o vetor de greening atinge alguns pomares. “Não temos o controle da bactéria e nem como curar um plantio infectado, a única forma é combater o vetor de forma preventiva com o monitoramento, a exemplo do sistema de PI”, explica. Garcia diz ainda que em 12 meses de análise nas propriedades experimentais não foi constatado nenhum caso específico da doença, isso é um aspecto que deve ser levado a sério.

Transporte de cargas rodofluvial deve crescer 6% este ano

FOTO Eraldo Lopes/10/02/2012

MANAUS

Em cinco meses, 1,2 milhão de toneladas de cargas chegou ou saiu de Manaus via sistema rodofluvial, conforme dados da Federação das Empresas de Logística, Transporte e Agenciamento de Cargas da Amazônia (Fetramaz). A estimativa é que até o final do ano sejam movimentados 3,17 milhões de toneladas na capital amazonense, um crescimento de 6% em relação ao ano passado.

“Estes números poderiam ser muito melhores se fossem revistas as pesadíssimas cargas tributárias, a ausência de políticas públicas de incentivo à atividade, a precária conservação da malha rodoviária, a ausência de dragagem das calhas das vias fluviais e balizamento das hidrovias, entre tantos outros fatores”, explica o presidente da Fetramaz, Irani Bertolini.

Discussões

Nesta terça-feira, começa em Manaus a primeira Feira e Congresso Internacional de Transporte e Logística (1ª Transpo Amazônia), promovi-

do pela Fetramaz, para discutir sobre transporte e logística, além de integrar e gerar novos negócios no setor.

São esperados para o evento participantes do Brasil e de outros 17 países. O evento será no Studio 5 e terá 40 estandes.

OS NÚMEROS

R\$ 1 milhão

▼ **foi investido** pela Fetmatraz apenas na montagem da estrutura do evento, que quer atrair 6,8 mil visitantes, especialistas e empresários.

RÁPIDAS

General Motors abre novo plano de demissão voluntária

A General Motors (GM) anunciou no final da semana a abertura de um novo Programa de Demissões Voluntárias (PDV) na fábrica de São José dos Campos, interior de São Paulo, o segundo em menos de um mês. O anterior, encerrado há uma semana, teve 186 adesões, número considerado insuficiente pela montadora. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos local, Antonio Ferreira de Barros, diz que “não há motivos para a GM continuar demitindo”. Para ele, não existe mão de obra excedente na fábrica e as vendas do setor automotivo deram um salto de 20% após a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) concedida pelo governo federal.

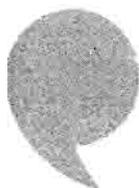
OS NÚMEROS

18,5 mil

▼ **trabalhadores** estão empregados hoje na General Motors, nas duas fábricas do País. Desde o ano passado, 2 mil foram demitidos pela empresa.

Queda nas vendas de motos pode provocar demissões no setor, alerta entidade

Ao contrário da indústria de automóveis e caminhões, o segmento de motocicletas ainda não dá sinais de recuperação nas vendas. Culpa, em primeiro lugar, da restrição de crédito, afirmam as entidades do setor. A Associação Nacional de Fabricantes e Atacadistas de Motopeças (Anfamoto) já prevê um aumento do número de demissões. A Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares (Abraciclo) afirma que as vendas podem ficar abaixo do resultado de 2011. Dados da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave) referentes à primeira quinzena de junho mostram queda de 8,9%.



José Eduardo Gonçalves.

Diretor executivo da Abraciclo

Quase 80% das vendas de motocicletas ocorrem por meio de pagamentos parcelados de financiamentos”

Ao explicar o quanto a restrição ao crédito afeta o setor de Duas Rodas no País.